ISSN nº 2526-8031 Vol. 1, n. 1, Jan-Abr. 2017

DO GIRASSOL AO CAPIM DOURADO: UMA NARRATIVA DA IDENTIDADE CULTURAL E DA POLÍTICA NA HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE NO ESTADO DO TOCANTINS

Resenha

Ana Carolina Costa dos Anjos[1, 2]

Livro:

ANJOS, Ana Carolina Costa dos. **Do girassol ao capim dourado: apropriação e ressignificação de elementos naturais na narrativa identitária do Estado do Tocantins.** [recurso eletrônico], Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2017, 387 p. Disponível em: http://www.editorafi.org/126anaanjos.

Recebido em: 28.03.2017. Aceito em: 17.04.2017. Publicado em: 30.04.2017.

[1] Ana Carolina Costa dos Anjos. Mestre em Ciências do Ambiente, pós-graduada e professora na Especialização em Ensino de Comunicação/Jornalismo (Opaje/UFT) e graduada em Comunicação Social/Jornalismo ambos pela UFT. E-mail: carolcdosanjos@gmail.com.

[2] Endereço de contato da autora (por correio): Universidade Federal do Tocantins. Curso de Comunicação Social/Jornalismo. Avenida NS 15, 109 - Plano Diretor Norte, Palmas - TO, Brasil. CEP: 77001-090.

A obra, cuja autoria é da resenhista desse texto, se inscreve no desafio de análise da história ou dos fatos do tempo presente como testemunha direta. Um exercício laborioso que requer reflexões que contemplem os fatos, os atores sociais e suas ações, os discursos e a força societal desses discursos na formação da memória e imaginário social de forma conjuntural. Enquanto se analisa, há a sequência do jogo simbólico e a contínua inserção de novos elementos, os quais seguem inebriados pelas nuvens do cotidiano e da rotina.

"Há histórias tão verdadeiras que às vezes parece que são inventadas" diz o poeta Manoel de Barros (2013, p. 321) e, sabendo do gosto "que as pessoas têm por invencionices", como diz o personagem Riobaldo, de João Guimarães Rosa, é que se tece o campo semântico no qual o texto se consubstancializa. Isto é, apresenta um aporte teórico que segue a linha de abordagem inspirada nas invenções de tradição de Eric Hobsbawm (2012), o imaginário social de Backzo (1985), entre outros autores importantes na cena intelectual a fim de apontar como o Estado do Tocantins foi (e é) solo fértil para que tradições políticas sejam inventadas.

Todavia, não se inventa e imagina nada a partir do nada (ANDERSON, 2008) e, sabendo disso, o texto percorre, em um primeiro momento, o complexo e abrangente campo semântico dos termos cultura, identidade e identidade cultural e conceitua-os como construções sociais que se dão dentro de marcos de diferenciação simbólicas entre o "eu/outro", "nós/outros", recorrendo a Stuart Hall (2006). Então, traz participação do discurso midiático nesse processo com Anderson (2008); Thompson (2008) e Wolton (1996), e recorta para as identidades culturais regionais com Jacks (1998) e, no caso, para o Tocantins, Rodrigues (2008) e Teixeira (2003).

Por se tratar de uma narrativa que apresenta o processo de transposição de símbolos em um espaço geográfico tão peculiar como é o Tocantins, a obra apresenta no capítulo *Palmas: a cidade do tempo ausente* algumas histórias de Palmas. Isto é, retoma *O Discurso Autonomista do Tocantins* (CAVALCANTE, 2003) apresentando os três momentos do

processos de separação do Estado do Tocantins do Estado de Goiás, desde o início do século XIX até a construção de Palmas. Ou seja, desde o português Joaquim Theotônio Segurado (1775 – 1831) até a Assembleia Nacional Constituinte e a promulgação da Constituição Federal, em 05 de outubro de 1988 que, no Artigo 13 cria o Tocantins e, em 20 de maio de 1989, é lançada a pedra fundamental de Palmas. Uma cidade que nasce no meio do cerrado tocantinense entre a poeira e o mito apolíneo do progresso e da modernização, dos concretos e (des)afetos de uma cidade em busca de um tempo. O capítulo ainda propõe uma viagem ao universo simbólico da capital tocantinense, sobretudo em sua praça central – a maior praça pública da América Latina e a segunda maior do mundo –, a Praça dos Girassóis e seus 571 mil m². Nessa praça há a inscrição de uma narrativa historica oficial para o Tocantins, deliberada de dentro de um palácio (Araguaia), o qual fora erguido para ser lugar de poder (sede do poder Executivo) e de memória.

Na sequência, se debruça sobre a *Breve História da Política Tocantinense: Poder em Poucas Mãos* e apresenta os 15 primeiros anos do Estado do Tocantins e sua capital, com uma conjuntura política (quase) sem oposição, encabeçada por praticamente uma única família (a família Siqueira Campos). Finaliza conjungindo que, junto à construção da cidade e abertura de ruas, cimentavam-se símbolos e memórias que se davam ora em discursos e ora em monumentos e urdiam-se imaginários e uma nova identidade cultural oficial. Os símbolos construídos e legitimados por leis estão ligados às poucas figuras que se revezavam no poder. Vale destacar que, como ocorre no processo de construção de identidade cultural e invenções de tradição também é o cenário político (partidário), ou seja, modifica-se e como consequência mudam-se os símbolos. Desse modo, se em um primeiro momento se constrói uma cidade, o girassol (*Helianthus annuus*) é eleito como símbolo do Estado (ligado à figura do político José Wilson Siqueira Campos) e uma Lei Estadual é criada para legitimar a flor como tal; em um segundo

ISSN nº 2526-8031 Vol. 1, n. 1, Jan-Abr. 2017

momento, o transpõe para outro elemento da natureza, agora, um inscrito no discurso do endemismo da espécie: o capim dourado *(Syngonanthus nitens)*, durante o governo do personagem político Marcelo Miranda – dissidente do grupo União do Tocantins UT, liderado por José Wilson Siqueira Campos entre 2003 e 2009.

Para dar subsídio teórico para discutir essa transposição no capítulo *Do Girassol ao Capim Dourado: ressignificar o passado para construir o futuro* apresenta, conceitua e discute as categorias de análise memória, discurso, representação e imaginário social. Em síntese, entende que a memória dá subsídio para a construção do projeto e do discurso, e esse, por sua vez, e a partir da memória, forma um imaginário social que é representado por meio de símbolos ou não, sendo esse imaginário o que promove as narrativas, por meio das quais a identidade cultural de uma coletividade se representa e se apresenta ao mundo e pela repetição dessas narrativas acerca da realidade de uma coletividade é que se inventam as tradições.

Na sequência, descreve o processo de invenção do Jalapão (lugar onde nasce o capim dourado) e como fora transformado em um polo turístico e, então, discorre sobre o *Capim Dourado e o Artesanato: entre a Natureza, o Produto e a Marca*. O capítulo aponta o processo de "imaginário do desmanche" que ocorre com um povoado tecedor de capim dourado do Jalapão, a comunidade do mumbuca. O imaginário do desmanche é uma sujeição que situa esses artesãos no polo desvalorizado do ego social, conforme pesquisa de Lopes; Totaro e Barros (2014)[3].

Dessa forma e compreendendo que o discurso midiático é um importante elemento construtor da realidade na sociedade contemporânea, optou-se atravessar com esse olhar e aporte teórico as narrativas jornalísticas acerca

[3] Os pesquisadores do *Laboratório de Políticas Culturais e Ambientais no Brasil: gestão e inovação* trabalharam com 33 coletividades, em 17 estados do Brasil, percebendo as características comuns e idiossincráticas dos processos de imaginário do desmanche e quebra da tecnologia patrimonial (são essas categorias que criam identidades culturais próprias através dos processos de fazeres.). Isto é, o tratamento, o manuseio por artesãos adaptado à matéria-prima local e a inserção de "grupos marginalizados" no mercado

da realidade do Tocantins. Assim, apreende a versão midiática do processo de transposição de símbolos político-identitários entre 1º janeiro de 2003 e 31 de janeiro de 2011, no capítulo 5, *Saiu na Imprensa: Transposição de Símbolos da Identidade Cultural e Política no Estado do Tocantins*[4].

Compendiando, as invenções de tradições, as estratégias utilizadas na e para a construção e destruição de símbolos político identitários e como essa narrativa é ancorada no discurso midiático local é a trajetória do livro. Entretanto, não apenas isso, pois a obra propõe um deslear sobre os mecanismos de apropriação e instrumentalização da natureza para estruturação de símbolos políticos e identitários no Tocantins e como se legitimam. Trata-se, então, de um o convite para transitar no caminho narrativo do caso tocantinense de transposição do girassol ao capim dourado.

[4] Para tanto, foram lidos 2700 exemplares dos veículos Jornal do Tocantins e O Girassol, entre 01 de janeiro de 2003 a 31 de janeiro de 2011. Para selecionar se utilizou a ferramenta Unidade de Registro da Analise de Conteúdo de Bardin (2009) e analisa com Análise de Discurso análise . Vale destacar que analisa a partir das marcar enunciativas, mas do discurso social respaldado nos pressupostos teóricos de Dijk (2008), Foucault (2010), Orlandi (1999) e Pinto (2002).

Referências

ANDERSON, B.. **Comunidades Imaginadas:** Reflexões Sobre a Origem e a Difusão do Nacionalismo. Tradução Denise Bottman. 3. Reimp., São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BACZKO, B.. “A imaginação social”. In: LEACH, Edmund et al.. **Anthropos-Homem.** Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985. Disponível em: <Link> Acesso em 17 abr. 2017

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo.** 5. Ed. Lisboa: Edições 70, 2009.

BARROS, M. de. Retrato do artista quando coisa. In: **Poesia Completa**. São Paulo: Leya, 2013.

CAVALCANTE, M. do E. S. R.. **O discurso autonomista do Tocantins**. Goiânia: Ed. da UCG e Edusp: 2003

DIJK, T. A. van. Estruturas do discurso e estruturas do poder. In ____; Judith Hoffnagel, Karina Falcone (Orgs.). Discurso e Poder. Tradução e adaptação Judith Hoffnagel. et al; revisão técnica Normanda da Silva Beserra. São Paulo: Contexto, 2008.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso** – aula inaugural no collège de France. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. 20. Ed., São Paulo: Edições Loyola, 2010.

ISSN nº 2526-8031 Vol. 1, n. 1, Jan-Abr. 2017

HALL, St.. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade.** Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. Ed., Rio de Janeiro: DP & A, 2006.

HOBSBAWM, E. J. ; RANGER, T. (org.). **A Invenção das Tradições**. Tradução de Celina Cardim Cavalcante, 2. Ed., São Paulo: Paz e Terra, 2012.

JACKS, N.. **Mídia nativa:** Indústria Cultural e Cultura Regional. Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1998. Disponível em: <Link>. Acesso em 29 abr. 2017.

LOPES, J. R.; TOTARO, P.; BARROS, E. P. Políticas Culturais, Comunidades e Patrimônios no Brasil: algumas questões epistêmicas. In Seminário Internacional – Políticas Culturais, 5,2014, Rio de Janeiro, **Anais,** Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2014, p. 1-15. Disponível em: <Link> . Acesso em 01 maio2017.

PINTO, M. J.. **Comunicação e Discurso: introdução à**

ORLANDI, **Análise de Discurso:** princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 1999.

RODRIGUES, J. C.. **Estado do Tocantins**: Política e Religião na construção do espaço de representação tocantinense. 2008. 148f. Tese (Doutorado em Geografia) - Programa de Pós- Graduação em Geografia da Faculdade de Ciência e Tecnologia (FCT) da Universidade Estadual Paulista (UNESP), Presidente Prudente, 2008. Disponível em: < Link>. Acesso em 16 abr. 2017.

TEIXEIRA. I.. **O Jornal do Tocantins de 1988 a 1991:** o texto, o contexto e a imagem fotojornalística na formação do Estado do Tocantins. 2003. 113f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Mercado) Programa de Mestrado em Comunicação e Mercado da Faculdade de Comunicação Social Cásper Líbero, São Paulo, 2003. Disponível em: <Link>. Acesso em 30 abr. 2017.

THOMPSON, J. B. **A mídia e a modernidade -** uma teoria social da mídia. Tradução Wagner de Oliveira Brandão. Revisão da Tradução Leonardo Avritzer. Petrópolis (RJ): Vozes, 2008.

WOLTON, D.. **Elogio do Grande Público**: uma teoria crítica da TV. Tradução José Rubens Siqueira. São Paulo: Ática, 1996.